

As mecânicas de Miguel Rio Branco

Vivendo em Araras desde 2008, fotógrafo inaugura hoje mostra sobre o feminino, critica a Magnum e fala do mal das cidades

Catharina Wrede

catharina.wrede@oglobo.com.br

Após o longo de mais de 40 anos, o fotógrafo Miguel Rio Branco ficou conhecido por uma obra visceral, que às vezes incomoda ao mesmo tempo em que fascina. O submundo das metrópoles e seus moradores de rua, prostitutas e presidiários figuram em alguns dos principais trabalhos do artista, que representa o Brasil, ao lado de Sebastião Salgado, na cultuada agência Magnum, fundada por Henri Cartier-Bresson. Há quatro anos vivendo em Araras, Região Serrana do Rio, Miguel se cansou do drama de suas imagens. Sua nova exposição, "La mécanique des femmes — O feminino segundo Miguel Rio Branco", que será aberta hoje, às 19h, na galeria Sílvia Cintra, trata das mulheres e dos simbolismos que o tema suscita.

Apesar da temática mais suave e da aparente placidez de espírito, o fotógrafo não deixa de lado sua verve característica e crítica, sem cerimônia, o mercado de arte, a própria Magnum e a vida no piloto automático ditada pelos grandes centros urbanos.

— Eu precisava sair de vez da cidade. Respirar. Vivemos como escravos nessa porcaria! É uma questão idealista? É. Mas eu vou ficar curtindo o fato de ter um trabalho mais ou menos reconhecido, provavelmente pelas questões erradas, e fazer um mausoléu para mim? Não.

Mais leve e poética que o habitual, a mostra reúne 15 obras de vários períodos da carreira do fotógrafo — da década de 1970 até hoje — para falar da condição paradoxal da mulher



MIGUEL RIO BRANCO à frente de "Maria Leôncia" (1991), uma das 15 obras expostas na galeria Sílvia Cintra

contemporânea, traduzida em temas como mistério, poder, submissão e sensualidade. A questão é tratada ora de forma mais literal, ora apenas alusiva: em um tríptico, por exemplo, um corpo curvilíneo aparece de costas, pintado de urucum; em outra, queijos artesanais pontiagudos lembram pequenos seios.

— O lirismo e a escuridão estão no meu trabalho, mas as pessoas sempre tenderam para o lado mais pesado. O feminino é um tema que permeia o que eu faço, mas esta é minha primeira expo-

sição só sobre isso. É um tema inesgotável — reflete o fotógrafo, para depois explicar por que reuniu imagens de várias épocas: — Minha obra tem muito mais a ver com construção do que com criação de coisas novas o tempo todo. Construo diferentes trabalhos com fotografias já feitas.

O mecanismo de construção a que ele se refere está intimamente ligado ao início de sua carreira, nos anos 1970, quando começou a pintar e, em seguida, a trabalhar com cinema. Foi em 1970 que ele fez fotos de cena do filme

"Pindorama", de Arnaldo Jabor. E se lembra de passar a maior parte do tempo na ilha de edição. A partir daí, trabalhou como diretor de fotografia em Nova York e no Brasil, em filmes como "Uma avenida chamada Brasil" (1988), de Otávio Bezerra.

— Parei porque jamais gostei da megaprodução que era. Mas essa foi minha formação. Meu enquadramento não vem de Cartier-Bresson, que eu nem conhecia na época, vem do cinema.

Miguel só se familiarizou com o fotógrafo nos anos 1980 — de-

Divulgação/Miguel Rio Branco



O TRÍPTICO "Maria" (2011)

Magnum era a personalidade de cada um. Hoje é um equívoco. Vai fazer o quê? Publicidade? Relatórios de fim de ano de companhias porque pagam bem? A agência está presa a um sistema que tem que ser rompido. E fica todo ano querendo pegar gente nova. Não tem profundidade.

Para Miguel, esse é o problema também do mercado de arte: obsessão publicitária pelo novo.

— Além disso, a questão da arte hoje é com qual material você trabalha. A parte formal como conceito é um equívoco. Você esquece qualquer coisa mais intensa que vem do ser humano. Virou fetichismo.

Espaço de experimentação

Cada vez mais interessado no que está fora da cidade, o fotógrafo desenvolve atualmente um labirinto de plantas, pedras e vidro para o Centro de Arte Contemporânea Inhotim — onde há um pavilhão dedicado a sua obra. Em paralelo, toca os livros "Você está feliz?", sobre crianças, e "Mal de cidade", que reflete sua insatisfação.

— Voltei a pintar e agora procuro um local para ter um espaço de criação e experimentação para as pessoas da região (Araras), não só de artes. Quero que tenha alfabetização também.

Atualmente lendo uma biografia de Cartier-Bresson, Miguel diz ter percebido que possui muito em comum com o francês.

— Ele pintava, trabalhou com cinema... Mas o petrificaram. O sistema, se você deixar, te petrifica. Quanto mais o mercado fica forte, mais isso acontece. E, no momento em que enquadra a arte, você enquadra qualquer questão de liberdade. ■

A fotografia experimental do Brasil em exposição no Paço

Exposição reúne a partir de hoje 115 imagens da coleção Itaú

Audrey Furlaneto

audrey.furlaneto@oglobo.com.br

Longos cílios escorrem como lágrimas pelo rosto de uma mulher. Uma forma parece surgir em traços sobre o concreto. As duas imagens, fotografias de Cris Bierrenbach e de Geraldo de Barros, respectivamente, devem "dialogar" na mostra da Coleção Itaú de Fotografia Brasileira que o Paço Imperial inaugura hoje, às 19h. As mesmas 115 imagens, de 56 artistas, acabam de voltar de Paris, onde foram exibidas na Maison Européenne de la Photographie.

A curadoria da exposição, de Eder Chiodetto, não segue cronologia — daí permitir diálogos a princípio improváveis entre dois momentos que seriam, segundo ele, os principais da fotografia experimental brasileira, o moderno e o contemporâneo.

De Geraldo a Lenora de Barros

Chiodetto defende uma "visão elíptica" da História. Diz não acreditar na "carece de ver a História como algo linear" e busca, na exposição, a "porosidade" de contextos e linhas estéticas. Assim, ele une contemporâneos (fotógrafos do período pós-ditadura) a modernos (entre as décadas de 1940 e 1960, ou que sofrem, como ele diz, de um "modernismo tardio") e acabam por ser uma das alianças do concretismo.

Entre os dois momentos, precisamente durante a ditadura, a fotografia experimental arrefece. Há, dessa época, poucos exemplares, como duas imagens, de Carlos Zilio e Boris Kosoy, expostas na Sala 13 de Maio — escolhida pelo curador por ser o local onde a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea.

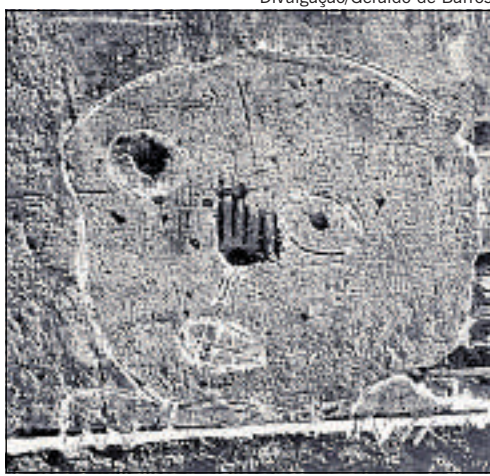
Depois do hiato da ditadura, o experimentalismo ressurgiu e revela nomes importantes co-



Divulgação/Cris Bierrenbach

FOTO DA série

"Cílios", (2008), de Cris Bierrenbach, e "Homenagem a Paul Klee, Tatuapé, São Paulo SP" (1949), de Geraldo de Barros



há imagens emblemáticas dos anos 1940, como a foto "Homenagem a Paul Klee, Tatuapé, São Paulo SP" (1949), em que Geraldo de Barros interfere e arranha o negativo.

— É com ele e com o Foto Cino Clube Bandeirante (*Fundado em 1939*) que a fotografia deixa de se reportar à pintura acadêmica para encontrar linguagem própria — diz Chiodetto.

mo o de Lenora de Barros (aliás, filha de Geraldo de Barros), Cris Bierrenbach e Cássio Vasconcelos, entre outros.

— É aí que ficam ainda mais fortes as experimentações, despreocupadas com o registro de algo real. A fotografia é construída, como uma encenação para a câmera. ■

O GLOBO GALERIA Veja mais imagens da exposição oglobo.com.br/cultura

O GLOBO Projetos de Marketing

Foto de Agnaldo Pedro

Coluna Curta

São Paulo

Foto de divulgação

Em agosto acontecerá a 22ª Bienal do Livro

O Salão Internacional do Automóvel, que acontecerá em outubro, já faz parte do calendário das grandes feiras que acontecem na cidade

O grande circuito das feiras de negócios

São Paulo é o principal destino de negócios na América do Sul, com uma programação quase diária de feiras comerciais, congressos e convenções. Na agenda deste segundo semestre, não se pode perder a segunda edição do São Paulo Fashion Week, principal evento de moda do País, de 11 a 16 de junho no Parque Ibirapuera. Outros dois grandes programas, que costumam mobilizar multidões de visitantes, são a 22ª Bienal do Livro, de 9 a 19 de agosto, e o Salão Internacional do Automóvel, de 24 de outubro a 9 de novembro, ambos no Anhembi Parque.

Também estão previstos encontros setoriais importantes, como o Salão Moda Brasil (3 a 5 de junho), no Expo Center Norte, ou a Franca-Feira Internacional da Moda em Calçados e Acessórios (26 a 29 de junho), no Anhembi. De acordo com o Observatório do Turismo, núcleo de estudos da São Paulo Turismo (SPTuris), de cada 20 turistas que visitaram a cidade no ano passado, 15 (75%) vieram atraídos pela intensa atividade econômica da capital. São mais de 86 mil m² de salas destinadas a eventos nos meios de hospedagem, ao lado de grandes centros de exposições equipados com infraestrutura completa. Estima-se que, a cada dia, uma feira de negócios aconteça em São Paulo. Destaque para eventos dos setores médicos, científicos e tecnológicos, industriais e educacionais.

As feiras se desdobram, ano a ano, em novas especializações. Nos dias 6 e 7 de agosto, a cidade recebe a 2ª Nails Fashion Week, com últimas tendências em esmaltes, na Vila dos Ipês, sofisticada casa para eventos na Vila Leopoldina. Antes disso, de 3 a 7 de julho, artistas e artesãos podem conferir a Mega Artesanal-12ª Feira de Arte e Técnicas de Artesanato. Ainda este ano, os profissionais devem se preparar, entre outros, para o Salão São Paulo de Turismo 2012 (20 a 22 de junho), a Promo Brindice 2012-19ª Feira de Brindes, Promoção e Relacionamento (10 a 13 de julho), a Fipan-Feira Internacional de Panificação, Confeitaria e do Varejo Independente de Alimentos (17 a 20 de julho).

Visite www.cidadedesapaulo.com

Este conteúdo é de responsabilidade da São Paulo Turismo